

“O Amor da Glória” : um hino historiográfico de Joaquim Manuel de Macedo

Newman di Carlo Caldeira
Doutorando em História Social (PPGHIS/UFRJ).
e-mail: newmancaldeira@yahoo.com.br

Rafael de Almeida Daltro Bosisio
Mestre em História Social (PPGHIS/UFRJ) e pesquisador vinculado ao Centro de História e Documentação Diplomática da Fundação Alexandre de Gusmão. e-mail: rdaltro@ig.com.br

Resumo: O escritor Joaquim Manuel de Macedo é um dos principais expoentes da literatura brasileira da segunda metade do século XIX. Destaca-se, em sua extensa bibliografia, a capacidade de descrever os costumes da sociedade do Rio de Janeiro. Macedo exerceu inúmeras atividades em seu tempo, dentre as quais a de membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. O presente trabalho pretende abordar a atuação de Macedo como historiador a partir da leitura, empreendida pelo autor, das regras de produção de história no Oitocentos. Para cumprir esta proposta, pretendemos identificar de que forma o autor expressou as construções imaginárias sobre o Brasil e sua história, utilizando o hino *O Amor da Glória*, proferido na ocasião de inauguração dos bustos dos sócios falecidos, Januário da Cunha Barbosa e José Feliciano Fernandes Pinheiro, no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Palavras-chave: 1. Historiografia. 2. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. 3. Joaquim Manuel de Macedo.

Abstract: Joaquim Manuel de Macedo is one of the main exponents in Brazilian literature in the second half of 19th century. In his great bibliography, he is famous for his ability to describe the customs of Rio de Janeiro society. Macedo performed lots of activities in his times, among them the work as member of the Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. The present work aims at approaching Maecdo's performance as historian, by considering the author's reading of the rules of history production in the 19th century. To accomplish this purpose, we aim at identifying in what form the author expressed the imaginary constructions about Brazil and its history, by using the hymn *O amor da Glória*, professed at the inauguration of the busts of Januário da Cunha Barbosa and José Feliciano Fernandes Pinheiro, dead members of the Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Keywords: 1. Historiography. 2. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. 3. Joaquim Manuel de Macedo.

Introdução

Joaquim Manuel de Macedo foi o primeiro escritor romântico de grande repercussão no Brasil, tendo sido um dos mais lidos autores nacionais. Entre 1844 e 1882, Macedo exerceu inúmeras atividades e atribuições: escreveu diversos romances e peças teatrais; participou ativamente da vida intelectual e política do II Reinado; foi articulis-

ta em diversos jornais; membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, político e censor. Enfim, um verdadeiro “homem de letras”.

Nascido em 24 de junho de 1820, na Vila de São João de Itaboraí, município do estado do Rio de Janeiro, Macedo passou a infância nessa vila, vindo para a corte nos anos de 1830, a fim de cursar os preparatórios para o ingresso na Faculdade de Medicina. Ao longo do curso, Macedo se interessou pelas letras, atraído pelo romantismo, gênero literário recém-chegado ao Brasil, que naquele momento coincidia com o projeto das elites políticas de construção da identidade nacional. No início de 1844, Macedo publicou seu primeiro livro – *A moreninha* –, que logo se tornaria sucesso de público e crítica, sendo o grande marco de sua trajetória de escritor.

O ano de 1844 também foi importante para a sua carreira de médico, pois, em dezembro, ele defendeu, com êxito, a sua tese de conclusão de curso, intitulada *Considerações sobre a Nostalgia*. Durante algum tempo, Macedo atuou como médico em sua cidade natal, clinicando principalmente para as camadas mais baixas da população, que passaram a chamá-lo carinhosamente de “Doutor Macedinho”. Sua tese tratava de temas de psicologia e psiquiatria, bastante comuns durante os anos de 1840, se inserindo no momento de institucionalização acadêmica destas duas ciências no Brasil, que coincide com a criação mesma da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (LOPES; POLITO, 2004: 115). É importante observar que a nostalgia era um tema bastante recorrente na literatura romântica, e trazia em seu bojo a construção de uma ideia de pátria, pois sua caracterização está ligada à questão do deslocamento e do desenraizamento. Com dois caminhos profissionais promissores a seguir, Macedo percebeu que teria de tomar uma decisão. A enorme popularidade do seu primeiro romance certamente fez com que optasse pelo caminho da literatura.

Dentre suas múltiplas atividades, Macedo atuou no magistério, como membro do Conselho Diretor de Instrução Pública na Corte, professor de História do Brasil e, a partir de 1858, de Corografia do Imperial Colégio Pedro II. Na imprensa, escreveu para diversos jornais e revistas, como o *Jornal do Commercio*, *Minerva Brasiliense*, *Ostensor Brasileiro*, *A Reforma* e *A Semana Ilustrada*, além de ter fundado, em 1849, com Gonçalves Dias, Gonçalves Magalhães, Fernandes Pinheiro e Araújo Porto Alegre, a *Revista Guanabara*. Participou, também, da vida política fluminense, escrevendo no jornal *A Nação*, do Partido Liberal, pelo qual foi eleito em diferentes oportunidades – para a Assembleia Provincial do Rio de Janeiro, em 1854, e para a Assembleia Geral Legislativa, nos anos de 1864/1866, 1867/1868 e 1878/1881.

Interessado também em teatro, foi membro do Conselho do Conservatório Dramático do Rio de Janeiro, escreveu muitas peças e incentivou companhias e sociedades teatrais, alternando entre comédias e dramas. No entanto, com exceção de algumas poucas comédias, a grande maioria de suas peças não foi sequer encenada.

Em 1845, entrou para o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro como membro efetivo, participando do momento fundador da historiografia brasileira (GUIMARÃES, 1988: 5-27). Eleito por unanimidade, foi um dos poucos que ingressaram no instituto com menos de 25 anos e, em 1848, foi eleito 2.º Secretário. Três anos depois, foi eleito membro da Comissão de Trabalhos Históricos e 1.º Secretário, responsável pelos relatórios anuais nas sessões magnas. Em 1857, foi eleito Orador efetivo, cargo que ocupou por quase vinte e cinco anos, tendo ocupado interinamente a presidência, em 1876. Macedo produziu pouco como historiador: além dos discursos, relatórios e pareceres presentes nas revistas do instituto, possui apenas duas obras históricas – *Dúvidas sobre alguns pontos da História do Brasil* e *Ano Biográfico Brasileiro*¹, esta destinada à Exposição Universal da Filadélfia.

No entanto, também podem ser consideradas como obras históricas seus compêndios de história do Brasil. Assunto muitas vezes debatido nas páginas da revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a questão da criação de compêndios apropriados de história do Brasil, voltados para a “instrução do povo”, foi constante preocu-

¹ Esta obra contém biografias de brasileiros ilustres, que Macedo, como orador do IHGB, já tinha escrito. Além destas duas obras, Macedo deixou incompleta *Efeméride Histórica do Brasil*.

pação de Macedo. Inspirados na *História Geral do Brasil*, de Francisco Adolfo de Varnhagen, os compêndios de Macedo também estavam preocupados, de maneira mais didática, com a construção da nação, apontando as direções em que a história do Brasil deveria ser entendida.

No momento em que Macedo escreve seus livros, a história está se institucionalizando como uma disciplina nova, que, além da função de “mestra da vida”, passa a ter um caráter mais “filosófico”: ela se torna então “um terreno privilegiado da demonstração do sentido da existência social” (FURET, 1990: 121-123). Com a busca do progresso e da civilização dos povos e nações, a narrativa histórica passa a se apresentar como a biografia da nação.

Segundo Selma Mattos, “mais do que os contrastes entre os sucessos nas duas atividades [de historiador e professor], o que singulariza o Macedo autor das Lições é a unidade que acabou por estabelecer entre as mesmas” (MATTOS, 2000: 61). Em suma, Macedo conseguiu, de modo significativo, articular as duas atividades, proporcionando o conhecimento da história “verdadeira” pela via do ensino público.

Macedo foi ainda membro da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional e Comendador das Ordens da Rosa e de Cristo. Na Academia Brasileira de Letras é o patrono da cadeira número 20.

“Doutor Macedinho” foi um escritor muito popular e publicou seus romances durante anos no *Jornal do Commercio*, em forma de folhetim (MEYER, 2007)². Essa popularidade se deu devido ao tom ameno e moralizante, às intrigas amorosas e personagens sentimentais, bem ao gosto dos leitores da época. Com estas características, Macedo penetrou em todos os lares em que se cultivava a leitura, tornando-se um escritor muito querido do público, chegando a ser professor dos filhos da Princesa Isabel e muito estimado pela família imperial. Todo esse afeto que o público dedicava a Macedo foi retribuído na forma de crônicas sobre a cidade do Rio de Janeiro; ele foi considerado um dos primeiros cronistas cariocas.

Macedo casou-se com Maria Catarina Sodré, prima-irmã do poeta ultraromântico Álvares de Azevedo, porém não teve filhos. Em 11 de abril de 1882, depois de sofrer durante anos de uma doença de origem mental, Joaquim Manuel de Macedo faleceu em Itaboraá.

O Amor da Glória: um hino historiográfico

A partir de 1845, o escritor conseguiu mostrar a sua faceta de historiador com grande desenvoltura. Mesmo não existindo muitas referências e registros sobre o romancista nas atas das sessões do IHGB entre 1845 e 1848, é certo, porém, que depois de eleito para 2.º Secretário, em 1848, passou a participar assiduamente, tornando-se um dos sócios que mais trabalharam pelo instituto.

Naquele mesmo ano, Macedo apresentou seu primeiro trabalho no instituto, o salmo *O Amor da Glória*, lido na presença do imperador D. Pedro II, pela ocasião da inauguração dos bustos dos sócios falecidos cônego Januário da Cunha Barbosa e José Feliciano Fernandes Pinheiro (Visconde de São Leopoldo). No “hino bíblico” (como intitula o próprio Macedo), ele faz uma digressão do ser humano sobre a face da terra, desde a criação e o amor a Deus, até o louvor à glória dos dois sócios recém-falecidos e a D. Pedro II.

No *hino*, o escritor deixa transparecer as suas prioridades como homem e sua visão de moral, as quais permeariam tanto a sua obra de escritor como a de historiador – “*O Amor da Glória* é o desejo ardente de honrar à pátria, aos pais, à esposa, e o de legar um nome ilustre aos filhos, e de ser útil aos outros homens” (RIHGB, 1848: 280).

² O folhetim era um novo “fazer” literário, pois era escrito e publicado em capítulos diários nos jornais (o escritor escrevia diária e exaustivamente). Funcionava como as novelas atuais, gerando certa expectativa no público sobre o que ocorreria no próximo capítulo.

Apontando que um homem que se enquadra nessas linhas deve ser lembrado pela pátria e tido como exemplo para os demais, Macedo mostra uma das características da produção historiográfica de seu tempo e de sua instituição: a história como exemplo de vida, como “mestra da vida”.

E de ser por isso lembrado pela pátria, abençoado pelos pais, e amado pela esposa; e de servir sua memória de farol aos filhos, e de ser louvado pelos outros homens.

E esse amor é como um arbusto que se cultiva no presente, e que só floresce no futuro.

[...]

Porque a glória é um trono, cujo primeiro degrau é o sepulcro, e é também uma coroa, que serve só na frente do esqueleto (RIHGB, 1848: 280).

Este salmo, muito mais do que suas prioridades como homem e sua visão de moral, indica uma diretriz do instituto que só seria confirmada de maneira mais direta no ano de 1849, com a fala do próprio imperador – a preocupação com a memória do II Reinado e de seu governante.

Embora, aos 23 anos, D. Pedro II ainda não fosse assíduo frequentador de suas sessões, o Instituto Histórico já se encontrava sob sua proteção. Além desse fato, o imperador já possuía uma relação muito estreita com a casa, diferente da relação protocolar que a realeza europeia do século XIX costumava ter com as instituições que desfrutavam da sua proteção.

O quadro social do IHGB contava, então, com a presença de grandes nomes da política brasileira, uns que estavam prestando serviços à dinastia de Bragança desde o tempo de Dom João VI, outros que iniciaram a carreira política no período da Independência e um terceiro grupo formado por políticos que chegaram ao governo após a Abdicação, no período da Regência. Esse corpo de sócios orientou todas as atividades do instituto com a constante preocupação de construir uma história nacional brasileira. Com o intuito de dotar o país de uma memória sobre o passado comum, esse projeto político estava articulado ao de construção da nação brasileira, sendo marcado pela homogeneidade intelectual dos idealizadores e, também, pela fidelidade ao imperador.

Assim, o fio condutor da construção da memória nacional era a ideia de continuidade: a Independência não significava ruptura, mas seria algo natural, como a emancipação de um filho do pai, e, nesse sentido, o Estado monárquico brasileiro, fundado oficialmente em 1822, apresentava-se como legítimo herdeiro e sucessor do Império português – como um representante direto das tradições da Casa de Bragança. Paralelamente, esses mesmos intelectuais idealizaram o futuro, valendo-se do registro dos fatos bem sucedidos do II Reinado.

Em 1843, o cônego Januário da Cunha Barbosa acaba por traçar as marcas que acompanhariam o então adolescente imperador durante toda a sua vida: “Príncipe à mais remota posteridade, acompanhado dos gloriosos epítetos de Protetor das Letras, Ciências e Artes, Amigo e Pai de seus patrícios e súditos” (BARBOSA, 1843: 6).

Todo esse ideário está presente no *hino* de Macedo. Por mais que a oração seja direcionada aos sócios falecidos já mencionados, o romancista, na qualidade de segundo secretário da instituição, não poupa elogios ao jovem imperador, chamando-o, nos versos finais do salmo, de “mancebo predestinado”.

Após fazer um longo elogio aos dois sócios, Macedo faz uma digressão sob o estado lastimável, que “as letras” encontravam-se antes do aparecimento do imperador D. Pedro II, apontando, principalmente, para o pouco incentivo que elas recebiam no Brasil. Então, Macedo diz:

E o Senhor Deus viu as lágrimas do sábio, e mandou um anjo para consolar o homem justo em sua aflição.

[...]

E ele envia à terra de seu lenho um mancebo predestinado, que há de marcar uma época nova para ela.

E esse mancebo trará sobre seus ombros a púrpura dos reis, e terá nos olhos o fogo do céu.

[...]

Porque ele é o maior de todos os homens das terras de Colombo, e sua cabeça se eleva acima de todas as cabeças.

Porque o mancebo predestinado e diadema de estrelas foi mandado à terra da Santa Cruz pelo Senhor Deus.

[...]

E aqueles que amarem a virtude, a pátria e as letras, serão animados e defendidos contra a prepotência dos pequenos potentados que abusam.

E os sábios que morreram não de ser coroados com folhas daquela árvore, cujo madeiro é cor de sangue, e deu o nome à terra do Senhor Deus.

[...]

E os vindouros louvarão a memória do mancebo predestinado.

E vós outros contemporâneos haveis de levantar as mãos para os céus, e clamar:

[...]

Bendito seja o Senhor Deus, que nos enviou o mancebo predestinado.

Porque o mancebo predestinado tem a alma voltada para o Senhor Deus, e o coração amorosamente inclinado para seus súditos, como o heliotrópio que se volta para o sol, e ao mesmo tempo se inclina para terra (RIHGB, 1848: 282-284).

O trecho do salmo aponta a preocupação da instituição, personificada na figura de Macedo, com a construção da memória acerca do imperador. Em primeiro lugar, numa atitude típica de sociedades que funcionam nos moldes do Antigo Regime, o escritor trabalha a pessoa do jovem governante como alguém indicado por Deus para reinar sobre a terra predestinada, ou seja, um indivíduo ungido por Deus para governar uma terra abençoada. Nesses termos, D. Pedro II aparece como um governante ilustrado – *protetor das letras* – que veio para iluminar o saber no Novo Mundo, mas não como um “déspota esclarecido”, já que o sistema monárquico brasileiro tinha os moldes de uma monarquia constitucional. Também se deve observar que havia a preocupação em não atrelar a imagem do imperador a um déspota – que de fato o imperador não foi –, visto que o Império brasileiro deveria ser um prolongamento, nos trópicos, da civilização europeia.

Em segundo lugar, é possível perceber o papel singular que o Império brasileiro ocupa no Novo Mundo. O “mancebo predestinado”, de acordo com a imagem que se deseja forjar, “é o maior de todos os homens das terras de Colombo”. D. Pedro II não é só governante do Brasil, mas um exemplo a ser seguido, por toda a América, no caminho do progresso e da civilização.

Também se pode fazer uma leitura do trecho calcada na oposição civilização *versus* barbárie, tendo em vista a situação mais estável vivida pelo Brasil. Diferentemente das repúblicas americanas, o Brasil vivia um momento de esperança e progresso, com as últimas rebeliões sendo sufocadas pelo poder central e a cafeicultura em processo de expansão. O Estado monárquico alcançava a estabilidade interna, centrado numa aliança em que, de um lado, estavam o imperador e a alta magistratura – nela incluídos os membros do IHGB – e, de outro, o grande comércio e a agricultura, baseada no tripé grande propriedade, escravos e café.

Já as repúblicas americanas estavam marcadas por confrontos políticos internos, pela ausência de unidade, pelo mau desenvolvimento econômico e, principalmente, no entender das elites dirigentes daquela época, pela falta de um representante direto da civilização europeia: dessa maneira, como o progresso e a civilização poderiam alcançar esses países? A elite imperial via nesses países o exemplo de barbárie e desor-

dem que não deveriam seguir, mesmo tendo em sua sociedade, como parte do projeto civilizatório, o cancro da escravidão.

Todavia, os intelectuais do IHGB acreditavam que o Estado Imperial, passados os anos de conflitos (fase da mocidade do país), estava entrando na sua fase adulta. A paz e a unidade estavam garantidas, os problemas das repúblicas vizinhas passavam longe do Império; então, esses intelectuais passaram a se preocupar com a construção de uma memória do presente e, principalmente, da imagem do soberano. Construiu-se, em torno do monarca, uma memória nacional, fazendo escolhas do que deveria ser “esquecido” e o que deveria ser lembrado; ou seja, qualquer fato que colocasse em risco o projeto político nacional deveria ser censurado e guardado em sigilo, para que somente os sucessos do Império fossem lembrados.

Por meio das relações dinásticas, a figura do imperador assegurava uma ideia de continuidade entre o passado, o presente e uma nova época – “um mancebo predestinado, que há de marcar uma época nova”. Se por um lado, lembrava-se a origem tradicional, descendente de linhagem europeia; por outro, destacava-se a sua condição de natural do Brasil – “porque o mancebo predestinado e diadema de estrelas foi mandado à terra da Santa Cruz pelo Senhor Deus”.

Outro fato a observar no texto de Macedo é o realce dado a uma peculiaridade comum tanto ao país, quanto ao soberano: a juventude. Um príncipe jovem num país jovem – que acabavam de entrar na fase adulta – representavam a perspectiva de um futuro brilhante para ambos. Assim, a construção da memória sobre o jovem imperador – que já tinha aspecto de pai – ressaltou o caráter paternal e o culto ao intelecto como suas maiores virtudes.

É interessante notar como imagens tão comuns ao século XX estavam sendo forjadas no século XIX. Falas como “o Brasil lidera a América Latina”, “o Brasil é um país jovem”, “o Brasil é o país do futuro”, ou “o futuro reserva um papel de destaque à nação brasileira” estavam em processo de construção no século XIX. A ideia de que, no futuro, o Brasil ocuparia um lugar de destaque entre as nações civilizadas estava de acordo com o direcionamento teleológico que a escrita da história tinha naquela época. A certeza do papel reservado ao Brasil no futuro levou os membros do Instituto Histórico a projetar no devir o momento de redenção da nação brasileira, no qual todos os problemas seriam resolvidos.

Conclusão

Joaquim Manuel de Macedo foi um dos escritores mais lidos de seu tempo; entretanto, chegou aos séculos XX e XXI como autor de um único romance, *A moreninha*. Autor “facundo”, para usar a expressão de Antonio Candido, Macedo exerceu diversas atividades, tendo se destacado também como membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e professor do Imperial Colégio Pedro II.

Membro da boa sociedade imperial, o romancista circulou por diversos espaços, conseguindo atender às práticas de sociabilidade de cada espaço que frequentava. O escritor também conseguiu atender às normas de escrita exigidas por esses espaços, escrevendo de acordo com cada tipo específico de público.

Sua obra foi escrita no momento em que a elite imperial estava preocupada com a construção de um projeto civilizatório com bases na corte francesa de Napoleão III, ou seja, a obra de Macedo, que era membro dessa elite, inscrevia-se nesse projeto. Assim, a principal preocupação naquele momento era saber como implementar esse projeto, que tinha como objetivo inserir a nação brasileira no rol dos países civilizados. A atividade de Macedo no IHGB estava, justamente, vinculada à implementação desse projeto, pois, junto com outros “homens de letras”, ele participou do momento fundador da historiografia brasileira, pensando a construção da nação.

Com moldes em instituições acadêmicas francesas, o Instituto Histórico estava de acordo com a cultura histórica oitocentista, a qual pensava que a história deveria ter

uma função de *mestra da vida*, passando a ter um caráter mais “filosófico”. Seus sócios teriam a tarefa de pensar o Brasil segundo os postulados de uma história que estivesse comprometida com o desvendamento do processo de gênese da nação brasileira e que deveria produzir uma visão de Brasil homogênea no interior das elites brasileiras. A criação do Instituto Histórico estava, por tanto, no bojo do processo de consolidação do Estado nacional, pois ela viabilizava um projeto de pensar a história do Brasil de forma sistematizada.

Macedo foi um membro bastante atuante no IHGB. Sua obra são os relatórios e discursos que produziu, respectivamente, nas funções de 1.º Secretário e Orador. Não são obras de historiografia propriamente, mas, sim, uma produção de memória da instituição são obras cerimoniais que atendiam aos protocolos institucionais. Seu principal grupo de escritos tem enfoque nas biografias, ora do país – como sempre ressalta em seus relatórios –, ora dos membros falecidos do instituto – nos discursos como orador. Estes últimos são verdadeiras biografias histórico-pessoais, nas quais são descritos tanto o momento histórico em que as pessoas viveram quanto suas vidas. Como 1.º Secretário, o enfoque de Macedo estava na preocupação com o progresso da nação brasileira, tentando ligá-la às nações civilizadas da Europa. Já como orador, Macedo apresentava a história como *mestra da vida* e buscava, nas biografias dos sócios falecidos, virtudes que servissem de exemplo aos vivos e aos vindouros.

Assim, concluiu-se que, no regime historiográfico do Oitocentos, Macedo pensava a escrita da história dentro de um pensamento linear, cronológico, progressivo, teleológico e civilizador, conforme a cultura historiográfica de seu tempo, prevendo a redenção dos fatos passados e dos beneméritos pelos historiadores da posteridade.

Referências Bibliográficas

BARBOSA, Januário da Cunha. Relatório do Secretário Perpétuo, *Revista do IHGB*. Rio de Janeiro, tomo V, p. 6, 1843. (Suplemento).

BOSISIO, Rafael de Almeida Daltro. “As mulheres do Doutor Macedinho”: as representações do feminino na ficção de Joaquim Manuel de Macedo. 2004. 77f. Monografia – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 8. ed. Belo Horizonte: Itatiaia Limitada, 1997.

CARVALHO, José Murilo. *A Construção da Ordem. Teatro de Sombras*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2003.

FURET, François. O nascimento da História, in: *A oficina da história*. Lisboa: Gradiva, 1990, pp. 121-123. (Construir o Passado 8).

GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. Debajo da imediata proteção de Sua Majestade Imperial: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889), *Revista do IHGB*. Rio de Janeiro, a.156, n. 388, p. 459-613, jul/set. 1995.

GUIMARÃES, Manuel L. Salgado. Nação e civilização nos trópicos: o IHGB e o projeto de uma história nacional. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, n. 1, pp. 5-27, 1988.

LOPES, Myriam Bahia & POLITO, Ronald. “Posfácio”, in: MACEDO, Joaquim Manuel de. *Considerações sobre a Nostalgia*. São Paulo: Unicamp, 2004.

MATTOS, Selma Rinaldi de. *O Brasil em lições: a história como disciplina escolar em Joaquim Manuel de Macedo*. Rio de Janeiro: Access, 2000. (Coleção Aprendizado do Brasil 1).

MATTOS, Ilmar Rohloff de. *O tempo Saquarema*. São Paulo: Hucitec/ Brasília: INL, 1987.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

REVISTA DO IHGB. Rio de Janeiro, tomo IV, 1848.